

## Adolescência e Educação Sexual 3

Paulo Roberto Bastos Canlla<sup>1</sup>

educação segundo o L. lo Univ rsal:

o conjunto de esforços por meio dos quais se auxilia a natureza no desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais do homem tendo em vista a sua perfeição e sua felicidade e o seu destino social.

A educação deve ser primeiro que tudo geral (a educação profissional se juntará à primeira). É necessário fortificar as vontades lidando-as a quem se por si mesmas.

Essa libertação da vontade depende da inteligência. Há pois necessidade de uma educação da inteligência que consista na livre investigação da verdade.

Quais resultados se espera da educação? “O Professor as tendências úteis ao indivíduo a comprimeção dos instintos contrários”. resume: “a educação o aperfeiçoamento intelectual de todas as faculdades humanas. A educação como um todo pode ser complementada com outras educações” como a física e a intelectual a moral, a sentimental a profissional e a sexual.

Antes da adolescência há a infância. Não esqueçamos que a pretensão de educar sexualmente o adolescente só quando chegamos a formação sexual dos indivíduos esta inicia-se antes do nascimento talvez antes mesmo da fecundação quando o óvulo e o espermatozóide se conjugam para produzir o ditaminismo e a diferenciação sexuais.

---

1. Ginecologista Univ rsidad F d ral do Rio de Janeiro UFRJ.  
Recebido em 18.06.90 Aprovado em 02.07.90

É no momento da fecundação que fica estabelecido o “sexo genético” (XX ou XY, menina ou menino) e conseqüentemente o “sexo gonádico”, a menina terá ovários e o menino testículos. Sabe-se que as gônadas induzem o “sexo anatômico”, tanto da genitália interna como, através da presença ou ausência de hormônios, da genitália externa.

Sexo “genético”, “gonádico” e “anatômico” são construídos através de um determinismo que, por sua vez, induzem à diferenciação.

Nascida a criança, a genitália externa condiciona um nome que identifica o sexo; é estabelecido, assim, um “sexo legal”. A partir desse momento inicia-se a “educação” informal, condicionada por fatores ideológicos, sociais e antropológicos, variáveis e ao mesmo tempo diversos para cada sexo e aplicado consciente e inconscientemente pela família, pela cultura, pela sociedade. É o “sexo de criação” (*Drive sex*) que vai estabelecer a continuidade da diferenciação através da incorporação no indivíduo de um “sexo psicossocial”. Embutido na pessoa por uma “educação” global atávica, fica estabelecida uma identidade sexual da pessoa consigo mesma que é demonstrada por um papel sexual mimetizante das posturas e das atitudes que caracterizam seu sexo.

Como se vê, a formação da sexualidade (e seus eventuais desvios) não pode ser controlada através da atuação determinada por uma entidade ou um indivíduo: o Universo a estabelece.

Paralelamente a essa “educação” informal e incontrolável ocorre uma outra, formal e obrigatória, a educação chamada primária, principal forma de apoio aos indivíduos; um dever do Estado para com seus cidadãos. As Constituições em geral, inclusive a nossa, tão nova e não cumprida, obriga o Estado a oferecer ensino primário a todos. É o Estado que determina as normas, os currículos a serem ministrados nos estabelecimentos padrões de ensino - a escola. Cabe ainda ao Estado controlar o “padrão” das escolas particulares.

Na nossa sociedade, a criança deve ser protegida (embora não seja), ela depende do adulto e assim é por ele preparada para atingir o “aperfeiçoamento integral de todas as suas faculdades humanas”.

Não creio que os pais e responsáveis tenham maiores discordâncias quanto ao que seus filhos aprendem quando se trata de português, matemática, desenho ou geografia, mas, como se comportariam em relação ao ensino de sexologia?

Seria possível um ensino curricular único para filhos de protestantes, católicos, místicos, pobres, ricos, todos? Ensinar sobre pra-

zer, erotismo, posições do coito, infidelidade, poligamia, poliandria, adultério?

Certamente não. Na verdade, os adeptos da educação sexual na infância postulam o ensino da reprodução humana, a clássica história de que o pintinho sai do ovo como o nenê sai da barriga da mamãe e, às vezes, só se fala em cesariana porque parto normal envolve vulva e vagina, órgãos perigosos para a mente infantil. Como e com que prazer o galo ou homem introduz a “sementinha” na galinha ou na mulher... Silêncio total.

É aí que o menino cresce aprendendo sexo com os amigos, na televisão, nos banheiros, nos vestiários e nas esquinas e principalmente em casa, apesar dos disfarces dos pais e dos familiares. Quando chega a adolescência, os adultos pretendem recuperar o tempo perdido, mas o jovem está transitando. Já é homem, ou mulher, fisicamente desenvolvido, já viveu a puberdade, já pode reproduzir-se, embora as leis ainda o considerem uma criança que deve ser protegida e tutelada e os pais achem fundamental manter o controle sobre ele.

A adolescência é uma fase especial de transição pela qual todos nós passamos, embora tenhamos um curioso “lapso de memória” sobre isso. Esquecemos que foi a fase em que absorvemos valores econômicos e sociais, que renovamos as normas a nós apresentadas, que lutamos por fugir à dependência, que chegamos à independência assumindo direitos e deveres, que incorporamos as responsabilidades as quais nos permitiram, enfim, “adulterar”.

Nessa situação, há quem pretenda instalar educação sexual para o adolescente, exatamente quando o indivíduo está tomando nos dentes os freios infantis, incorporando sua “educação da inteligência que consiste na livre investigação da verdade”. É nessa fase que se pretende educá-lo sexualmente. E novamente nada sobre o prazer e seus incômodos apêndices eróticos: só anticoncepção, reprodução, a ameaça de doenças sexualmente transmissíveis e normas a serem obedecidas. É isso que a maioria dos educadores de adolescentes pretendem sob os mais sutis disfarces.

Educação é uma forma de moldar no sentido de tornar o indivíduo útil à sociedade; a dificuldade é que quem o molda é o adulto e ele é o responsável por uma sociedade cheia de falsidades que tentam disfarçar sua profunda injustiça. Quem não esquece a própria adolescência sabe que resistiu o quanto pode a ser submetido a esse estado de coisas.

Será que não basta a cada adulto colocar-se à disposição? Aberto a discutir, a emitir sua opinião sobre o que o adolescente pergunta? Afinal, o que quer o adulto induzir ou modificar no compor-

tamento do adolescente? Dar aos jovens os valores que ele aceita e que rege esse mundo por ele construído (e dominado)? Os mesmos valores impregnadores vistos nos meios de comunicação em geral? violência sexual, sadismo-masiquismo a castigos místicos?

Sem dúvida, programas específicos dirigidos ao adolescente têm pouca possibilidade de êxito. Imaginamos que os adolescentes tenham determinadas inquietações e na verdade as inquietações são nossas, de adultos. Organizamos um “currículo” que supomos atender ao adolescente e invertemos a direção da ajuda, ao invés de esperar que o adolescente nos procure com suas questões levamos e eles as soluções de problemas que freqüentemente eles não têm a por isso não os interessam. Ignoramos sua autonomia; paternalizamos, disfarçadamente; tentamos manter a dominação, inconscientemente; tentamos induzi-los a ser o que queremos que eles sejam.

É preciso não mais que estar à disposição para o diálogo. É preferível que a família tome a si essa tarefa e que os que se propõem a cuidar de adolescentes atendam com sapiência também a estrutura decadente da chamada família nuclear.

Há técnicas terapêuticas de comunicação a serem empregadas e é necessário aprendê-las não ignorando que, para bem e exitosamente usá-las, é preciso uma elaboração pessoal que desperte verdadeiramente a consciência da igualdade entre as pessoas; é preciso desverticalizar as relações, enfim, identificar os jogos de dominação/submissão disfarçados nos diálogos que permitem a comunicação.

Quem se propõe a atender adolescentes (ou outros clientes quaisquer) precisa saber empregar as formas terapêuticas de comunicação. A “reflexão de sentimentos” que permite entrar em sintonia, mostrando que captamos os sentimentos subjacentes àquilo que nos está sendo comunicado. A “focalização das pistas não verbais” que possibilita entender o que nos é comunicado com a atitude. A “orientação antecipatória” que prepara para as eventuais (e obrigatórias) vivências futuras. O “reasseguramento” que tranquiliza sem falso apoio. A “resolução conjunta de impasses” onde se mostra como considerar as necessidades dos outros (pais, professores, responsáveis) sem esquecer suas próprias necessidades. O “confronto” que aponta as mensagens contraditórias e remete à resolução dos impasses pessoais e interpessoais. A “auto-expressão” onde encontramos espaço para dizer honestamente o que sentimos e, finalmente, a “colocação dos limites”, posto que devemos ter a consciência de que não podemos tudo.

A melhor forma de educar o adolescente é respeitar sua escolha natural, deixá-lo aprender a ser responsável, permitir-lhe abraçar

com honestidade valores únicos e deixar de lado a dupla moral, tão ao gosto dos adultos. É necessário ajudar aos meninos a serem honestos consigo mesmos, não usar as formas iatrogênicas de comunicação que acentuam ou despertam as resistências, dificultando ou impedindo a co-responsabilidade: lições de moral, sugestões a conselhos, persuasão, consolar com falso apoio, ignorar problemas, criticar e ridicularizar, elogiar, perguntar (em vez de ouvir) e, principalmente, não espalhar ameaças do tipo “você vai se arrepender”, porque quem assim procede tem não só a intensão mas também o desejo de que a desobediência resulte em castigo. O erro e a consciência de que errou é aprendizagem e aprendizagem é um dos co-fatores básicos da Educação.

Enfim, o adulto deve entender que para educar sexualmente o adolescente com êxito basta deixá-lo livre para encontrar, entre erros e acertos, suas responsabilidades. O adulto bem educado deve deixar os meninos acharem seus caminhos.

#### BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

1. MALDONADO, M. T. & CANELLA, P. R. B. *Relação Médico-Cliente em Ginecologia e Obstetrícia*. São Paulo, Livraria Roca Ltda., 1988.
2. NAHOUM, J. C. Homossexualismo visto por um médico. *Sexus*, 1(4):8, 1989.
3. VITIELLO, N. e col. *Adolescência Hoje*. São Paulo, Livraria Roca Ltda., 1988.
4. VITIELLO, N.; HENTSCHEL, H.; NAHOUM, J. C.; CANELLA, P.; SILVA, A. C. Educação sexual: um inquérito. *Femina*, 15:288, 1987.